BOULANGERIE 13
PAIN
DU PAIN
DU MARIN

ORGANIZAÇÃO: MARCELLO SCARRONE
PESQUISA HISTÓRICA: MARCELLO SCARRONE (TEXTO) E JOICE SANTOS (IMAGEM)

EDILENE TOLEDO

Sonhar também muda o mundo

Embora difícil de implementar, a proposta anarquista contou com diversos pensadores e influenciou vários países

Quem já não sonhou com um mundo diferente, no qual fosse possível o máximo de liberdade com o máximo de solidariedade? Os anarquistas acreditavam, e acreditam ainda, que essa esperança não é uma utopia: ela pode se tornar realidade.

Eles gostam de dizer que o ideal existe desde a Antiguidade, ou seja, desde que há luta pela liberdade. Mas a doutrina só se tornaria movimento organizado no século XIX, na Europa. Na pauta, a crítica à sociedade industrial, aos males do capitalismo e à sua indiferença diante do sofrimento humano.

A palavra anarquia, usada frequentemente para designar desordem e confusão, vem do grego e significa "sem governo", isto é, o estado de um povo sem autoridade constituída. Do mesmo horizonte de significado nasce o anarquismo, doutrina política que

LATINSTOCK / © STEFANO BIANCHETTI / CORBIS / CORBIS (DC)

REPRODUÇÃO

Na página anterior, manifestação anarquista em Paris (1883) em protesto contra o desemprego e a fome. Ao centro, a anarquista francesa Louise Michel, carregando a bandeira preta.

Alguns anarquistas investiram na educação, fundando escolas alternativas, como a Escola Moderna, criada no começo do século XX, em Barcelona, por Francisco Ferrer.

Bakunin e outros anarquistas rivalizaram com Karl Marx, considerando que o socialismo seria tão despótico quanto outras formas de Estado

Mikhail Bakunin (1814-1876), Rússia

REPRODUÇÃO

Teórico do pensamento anarquista, Bakunin passou os anos 1840 entre Alemanha e França, participando de grupos revolucionários e levantes. Encarcerado em sua pátria por sete anos e condenado ao exílio, fugiu e, passando por Japão e EUA, voltou à Europa. Participou da Associação Internacional dos Trabalhadores (Primeira Internacional), mas acabou expulso dela em 1872 pelos marxistas.

prega que o Estado é nocivo e desnecessário e que existem alternativas viáveis de organização voluntária. Para a verdadeira libertação da sociedade seria necessário, ainda, destruir o capitalismo e as igrejas. Os anarquistas opunham-se à participação nas eleições e aos parlamentos, pois consideravam a democracia liberal uma farsa, negando qualquer forma de organização hierarquizada.

A nova sociedade seria uma rede de relações voluntárias entre pessoas livres e iguais, em equilíbrio natural entre liberdade e ordem não imposta, mas garantida pela cooperação voluntária. Eliminados o Estado centralizado, o capitalismo e as instituições religiosas, afloraria a verdadeira natureza humana e as pessoas voltariam a assumir suas responsabilidades comunitárias. O futuro anarquista seria feito de um conjunto de pequenas comunidades descentralizadas, autogeridas e federadas, que a livre experimentação modificaria pouco a pouco.

O francês Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) foi o primeiro a organizar as ideias do anarquismo. Em seu texto *O que é a propriedade?* (1840), escreveu que a política era a ciência da liberdade, que o governo do homem sobre o homem, em qualquer forma, era opressão, e que a sociedade só atingiria a perfeição na união da ordem com a anarquia.

Ainda no século XIX, o anarquismo ganhou adeptos em todo o mundo, reconhecendo-se em um projeto internacional comum, embora em cada país os trabalhadores utilizassem a linguagem e a ação do anarquismo como resposta a seus problemas e preocupações específicos. O russo Mikhail Bakunin (1814-1876) defendia que a futura organização da sociedade deveria ser realizada de baixo para cima, pela livre associação. Bakunin e outros anarquistas rivalizaram com Karl Marx, sugerindo que o socialismo seria tão despótico quanto outras formas de Estado. Mais tarde, Emma Goldman (1869-1940), judia russa emigrada para os Estados Unidos, famosa por sua militância, fez duras críticas aos rumos dados pelos bolcheviques à Revolução Russa em função da centralização estatal e do autoritarismo, que teriam paralisado a iniciativa e o esforço individuais.

Os anarquistas russos, em aberta oposição ao que consideravam uma ditadura distante dos ideais libertários, passaram a ser perseguidos e suas atividades foram proibidas já poucos meses após a Revolução de Outubro. Em 1920, grande parte dos membros do Exército Revolucionário Insurrecional, liderado pelo anarquista Nestor Makhno, foi

REPRODUÇÃO

fuzilada pela Cheka, a polícia responsável por reprimir atos considerados contrarrevolucionários. Em poucos anos, os anarquistas da Rússia foram quase todos mortos, aprisionados, banidos ou reduzidos ao silêncio.

Diversos outros pensadores influenciaram libertários de várias partes do mundo. A ideia da ajuda mútua como requisito central para a evolução ética da humanidade tornou-se referência através dos escritos do russo Piotr Kropotkin (1842-1921). Na resistência contra o golpe militar de Francisco Franco na Espanha da Guerra Civil, o operário Buenaventura Durruti (1896-1936) afirmava que os anarquistas traziam um novo mundo em seus corações. Victor Serge (1890-1947), nascido na Bélgica, de família russa e polonesa, escreveu em suas memórias que o anarquismo tomava os militantes inteiramente, transformava suas vidas, porque exigia uma coerência entre os atos e as palavras. Para muitos, tinha um caráter de conversão quase religiosa.

Os anarquistas incentivavam a luta dos trabalhadores contra a exploração capitalista através do apelo para diversas formas de ação, como greves, boicotes, comícios, passeatas, fundação de sindicatos, denunciando o que consideravam ações repressoras da burguesia e do Estado. Embora tenha conquistado corações e mentes em diferentes classes sociais, o anarquismo se difundiu, sobretudo entre os trabalhadores pobres urbanos, e foi um elemento importante em seu processo de auto-

Saiba Mais

RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: Unesp, 2001.

SAKAE, Osugi. *Memórias de um anarquista japonês*. São Paulo: Editora Conrad, 2002.

SERGE, Victor. *Memórias de um revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WOODCOCK, George. *História das ideias e movimentos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2007.

WOODCOCK, George. *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

Filmes

A língua das mariposas (1999), de José Luis Cerda

Sacco e Vanzetti (1971), Giuliano Montaldo

Terra e Liberdade (1995), Ken Loach

Proudhon e seus filhos, retratados por Gustave Courbet (1865-67),

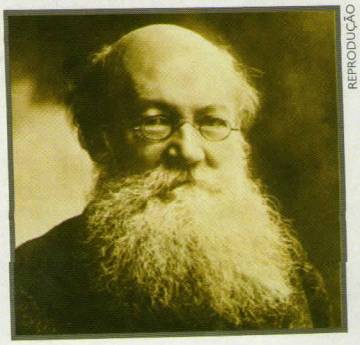
Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), França

Primeiro a difundir o ideal anarquista e primeiro a se declarar como tal. Foi antes tipógrafo, depois filósofo e autor de vários escritos. Sua proximidade com Marx acabou quando o alemão respondeu à obra do francês *A filosofia da miséria*, crítica ao comunismo, com outra, com título provocador: *A miséria da filosofia*. Entre suas ideias está a de que a anarquia é ordem.

REPRODUÇÃO

Piotr Kropotkin (1842-1921), Rússia

Geógrafo e pesquisador, Kropotkin dedicou boa parte de sua vida à divulgação do ideal anarquista com viagens, conferências, livros e artigos. Preso duas vezes (na Rússia e na França) por sua militância, passou muitos anos na Europa ocidental, mas encerrou sua vida em sua pátria, já governada pelo bolchevismo, diante do qual manteve uma atitude crítica.



REPRODUÇÃO

organização e agregação social, recreativa e cultural. A circulação das ideias anarquistas se dava por meio de campanhas, comícios, pela imprensa e em publicações, mas também com a organização do tempo livre em eventos como teatro, piqueniques e festas. Assim, os anarquistas transformavam, ou ao menos abalavam, uma mentalidade consolidada em vários países, segundo a qual trabalhadores pobres deviam ficar fora da política.

Um dos livrinhos mais famosos de propaganda anarquista foi *Entre camponeses, diálogo sobre a anarquia*, do italiano Errico Malatesta (1853-1932), publicado em Florença, em 1884. Nele se lia a conversa entre dois camponeses, Giorgio, um jovem anarquista, e Beppe, um velho amigo de seu pai. Beppe tenta dissuadir Giorgio, argumentando que a política era coisa para os senhores, e que o trabalhador tinha que pensar em trabalhar e fazer o bem, assim viveria tranquilo e na graça de Deus. No fim, é o velho Beppe quem sai convertido ao anarquismo. Malatesta nasceu no sul da Itália, em uma família rica. Coerente com suas ideias, distribuiu as terras que herdou aos camponeses. Foi um dos anarquistas mais influentes em todo o mundo, inspirando inúmeros militantes e trabalhadores. Por isso foi duramente perseguido pelo regime fascista de Benito Mussolini, desde sua ascensão ao poder em 1922.

Embora os anarquistas concordassem com os objetivos que queriam atingir, eles divergiram muito sobre os meios para alcançá-los. Na década de 1890 houve grandes atos de violência dos anarquistas no cenário mundial: foram mortos um rei da Itália, uma imperatriz da Áustria, um primeiro-ministro da Espanha, um presidente da França e um dos Estados Unidos.

Mas a maioria dos anarquistas recusou essas ações individuais e violentas. Alguns tentaram experimentar a organização libertária formando

O fim do século XIX e o começo do XX foram marcados por vários atentados anarquistas contra governantes e monarcas, como o assassinato do presidente dos EUA McKinley, em 1901.

LATINSTOCK / © CORBIS / CORBIS (DC)

pequenas comunidades autogeridas que, em geral, tiveram vida curta e difícil. Outros organizaram insurreições. Muitos se dedicaram à formação e à participação nos sindicatos de trabalhadores, que consideravam um espaço privilegiado para a difusão da ideia anarquista e um exercício importante de autogestão. Houve os que investiram na educação, criando escolas alternativas que visavam formar crianças autônomas, e na arte engajada, como o teatro popular e a literatura com conteúdos políticos.

REPRODUÇÃO

No Programa Anarquista, escrito por Malatesta em 1903, ele argumentava que os anarquistas queriam mudar radicalmente o mundo, substituindo o ódio pelo amor, a concorrência pela solidariedade, a busca exclusiva do próprio bem-estar pela cooperação, a opressão pela liberdade. "Queremos que a sociedade seja constituída com o objetivo de fornecer a todos os meios de alcançar igual bem-estar possível, o maior desenvolvimento possível, moral e material. Desejamos para todos pão, liberdade, amor e saber", escreveu Malatesta na conclusão do programa.

Já nos anos 1920 e 1930, o movimento anarquista perdeu força, com o surgimento dos partidos comunistas e o aumento da presença do Estado nas sociedades ocidentais, fechando o ciclo do chamado anarquismo histórico. Na Espanha, em Aragão e na Catalunha, os anarquistas conseguiram realizar uma verdadeira revolução durante a guerra civil: operários e camponeses se apoderaram das terras e das indústrias, estabeleceram conselhos de trabalhadores e fizeram a autogestão da economia. Essa coletivização teve considerável sucesso por algum tempo e, embora derrotada, foi a experiência anarquista mais importante da história e ficou na memória dos libertários como a prova concreta de que a anarquia era possível.

A partir dos anos 1960, quando se confirmaram suas previsões sobre os perigos da centralização do poder nos países socialistas, houve uma retomada do anarquismo em todo o mundo. Suas ideias libertárias influenciaram movimentos sociais, como o estudantil, o feminista, o ecológico e o *hippie*, penetrando com força também nas universidades. Em tempos de contestação do capitalismo e da capacidade dos governos de representar suas sociedades, os ideais anarquistas parecem mais vivos do que nunca. H

A violência anarquista matou um rei da Itália, uma imperatriz da Áustria, um primeiro-ministro da Espanha, um presidente da França e um dos Estados Unidos

Errico Malatesta (1853-1932), Itália

REPRODUÇÃO

Malatesta aderiu ao anarquismo em 1871. Passou grande parte de sua vida em vários países da Europa e até na Argentina, sempre organizando e participando de tentativas de insurreições, preparando a revolução libertária. Nos seus últimos anos, o fascismo italiano o manteve constantemente vigiado em sua casa, em Roma.

Conselhos de trabalhadores e autogestã da economia caracterizaram a presença anarquista em Aragã e Catalunha durante guerra civil espanhol O cartaz alude a est experiência.

EDILENE TOLEDO É PROFESSORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO E AUTORA DE *ANARQUISMO E SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO: TRABALHADORES E MILITANTES EM SÃO PAULO NA PRIMEIRA REPÚBLICA* (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2004).

HELENA ISABEL MUELLER

Em Palmeiras (PR), a casa da família Mezzadri é a mais conservada das construções erguidas pelos libertários da Colônia Cecília, pioneira tentativa de vida segundo os ideais anarquistas no Brasil.

Villa Anarchia

Na colônia Cecília, imigrantes italianos tiveram a breve experiência de uma vida coletiva e libertária

Saiba Mais

MELLO NETO, Candido de. *O Anarquismo experimental de Giovanni Rossi – De Poggio al Maré à Colônia Cecília*. Ponta Grossa: EPG, 1998.

SOUZA, Nilton Stadler de. *O anarquismo da Colônia Cecília*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

Internet

FELICI, Isabelle. A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi. *Cadernos AEL*, vol. 5, nº 8/9 (1998). Disponível em: http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/view/104

ROSCOCHE, Luiz Fernando. O anarquismo da colônia Cecília: uma jornada do sonho à desilusão. *Revista de Geografia*, UFPE, vol. 28, nº 1, 2011. Disponível em: www.revista.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article/viewFile/264/338

Filme

La Cecilia (Jean Louis Comolli, 1978)

ENTRE OS MUITOS IMIGRANTES ITALIANOS que vieram para o Brasil no fim do século XIX, um grupo se diferenciava. Destacavam-se também entre os anarquistas pois, além de terra e trabalho, viam na imigração a chance de colocar em prática sua utopia de um mundo novo.

Giovanni Rossi, integrante do movimento anarquista desde a década de 1870, tinha planos de construir uma comunidade experimental para provar que o anarquismo era viável e prazeroso. Em 1890, acompanhado de dois casais, embarcou para o Brasil e chegou a Palmeiras, na região dos Campos Gerais, Paraná, onde tinham recebido terras. Ali nasceu a colônia Cecília ou, como a chamariam seus habitantes, a Villa Anarchia. No ano seguinte, Rossi já estava de volta à Itália para atrair mais companheiros e angariar fundos, sementes, instrumentos agrícolas e livros.

A vida na colônia Cecília não era fácil. A dificuldade de comunicação levou a um isolamento doloroso. Foi complicada a adaptação do plantio ao solo e ao clima diferentes do europeu: as colheitas mal davam para o sustento dos seus habitantes. Mas a colônia crescia e chegou a ter cerca de 300 habitantes em seu apogeu. Havia também um espaço para atividades coletivas e culturais, como música e teatro: era a *casa libera*.

No entanto, a diferença de projetos de vida minou a harmonia. Parte dos imigrantes que chegavam era enviada pelo governo do Paraná e não compartilhava dos valores libertários. Para os anarquistas, o produto do trabalho coletivo deveria ser dividido na medida das necessidades de cada um. Para os não anarquistas, a produção familiar era de sua propriedade. Muitos destes abandonaram a colônia em 1892, levando seus instrumentos de produção, gado e tudo o que lhes pertencia. A produtividade da colônia foi afetada e a miséria cresceu. Como ser livre se não se pode satisfazer nem mesmo as necessidades básicas? Nas palavras de Rossi, faltavam em *la Cecilia* pão, um bom vinho e mulher com quem pudesse esquentar o corpo.

O amor livre e a posição da mulher na sociedade faziam parte das discussões dos anarquistas desde sempre. Não foi diferente na colônia Cecília. Rossi descreveu sua solidão e a de outros companheiros solteiros, mas jamais propôs compartilhar as esposas de seus colegas. No entanto, escreveu sobre sua difícil e dolorosa experiência de amor livre, compartilhando o afeto de Eleda com Aníbale. Ainda assim, a sensação de liberdade em uma relação amorosa foi gratificante.

A colônia foi encerrada em 1894, mas Rossi perseguiu o ideal anarquista até a morte, em 1943, escrevendo "romances utópicos". Se a colônia Cecília não teve sucesso, ao menos o sonho não foi esquecido. Na cidade de Palmeiras são realizadas hoje em dia atividades ligadas à memória dos "cecilianos", como círculos de estudos e festejos. H

HELENA ISABEL MUELLER É PROFESSORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA E AUTORA DE *FLORES AOS REBELDES QUE FALHARAM – A UTOPIA ANARQUISTA DE GIOVANNI ROSSI. COLÔNIA CECÍLIA* (AOS QUATRO VENTOS, 1999).

CARLOS AUGUSTO ADDOR

De braços dados e cruzados

Antes mesmo dos direitos trabalhistas, o movimento libertário esteve no centro da organização das primeiras grandes greves do país

No Brasil da Primeira República (1889-1930), os trabalhadores urbanos viviam num verdadeiro "inferno social". Homens, mulheres e crianças passavam 12, 14 ou até mesmo 16 horas diárias, ao longo de seis dias por semana, no interior de fábricas insalubres e perigosas. Álvaro Corrêa, antigo operário têxtil e gráfico em fábricas do Rio de Janeiro e de Juiz de Fora nas primeiras décadas do século XX, contou ter visto "moças serem esbofeteadas e saírem chorando sem um protesto para não perder o emprego". As mulheres eram também vítimas frequentes de tentativas de abuso sexual. As crianças eram espancadas por quaisquer deslizes no

FOLHAPRESS / AGF / FOT © HENRY PHILLEO

Milhares de trabalhadores participaram da greve geral paulista em 1917, dirigida principalmente por anarquistas. Na imagem, grevistas descem a ladeira do Carmo em direção ao Brás.

trabalho. No interior da Fábrica de Tecidos Penteado, na capital paulista, um caso ocorrido em 1922 é exemplar e assustador. Um menino chamado Daniel, exausto após longa jornada de trabalho, adormeceu e perdeu o horário de saída. A segurança do prédio era feita, à noite, por um vigia acompanhado de cães ferozes. Daniel foi dilacerado pelas feras, morrendo no hospital depois de longa e dolorosa agonia.

Embora em 1919 tivesse sido promulgada no Brasil uma primeira lei sobre acidentes de trabalho, ao longo da Primeira República essa lei, na prática, permaneceu letra morta. O Estado não se propunha a intervir de forma normativa sobre o mundo do trabalho, garantindo aos empresários a possibilidade de superexplorar os trabalhadores. Junte a isso o fato de que nas três primeiras décadas da República chegaram ao Brasil cerca de 4 milhões de europeus, em sua maioria italianos, espanhóis e portugueses. Isso criou uma situação boa para os patrões, péssima para os operários. Sobrava mão de obra, aumentava o desemprego.

Esses imigrantes, ao lado dos brasileiros, teriam papel decisivo no processo de formação da classe operária. Num primeiro momento, afloraram rivalidades, disputas e conflitos interétnicos. Entretanto, ao longo do tempo, o partilhar do duro e sofrido cotidiano fabril levou os trabalhadores a minimizarem suas diferenças e a priorizarem interesses comuns. Aos poucos, forma-se uma identidade (e uma consciência) de classe.

As ideias anarquistas vieram com os imigrantes, o que levou setores do patronato e membros do aparelho de Estado a formularem a imagem da "planta exótica": uma ideologia estrangeira que não encontraria terreno fértil para se desenvolver no Brasil. Essa imagem seria usada de form

José Oiticica (1882-1957), Brasil

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Filólogo, poeta e professor de origem mineira, Oiticica passou toda a sua vida no Rio de Janeiro, sendo militante anarquista desde 1913. O fracasso da insurreição de 1918 levou-o à prisão. Libertado no ano seguinte, voltou para trás das grades de 1924 a 1929. Dirigiu e participou de vários periódicos anarquistas, além de se empenhar em associações e conferências nas décadas de 1930 e 1940.

recorrente para tentar desqualificar o anarquismo, à medida que ele conquistava adesão crescente. Também era utilizada para justificar processos de deportação de trabalhadores estrangeiros que "perturbassem a ordem pública ou a paz social", ou seja, que participassem de greves, comícios e outras manifestações públicas. A Lei Adolfo Gordo, promulgada em 1904 e regulamentada em 1907, fundamentou juridicamente o processo de expulsão de centenas de militantes estrangeiros e brasileiros, enviados para rincões remotos como os seringais do Acre e, nos anos 1920, para a colônia penal de Clevelândia, no Amapá.

Apesar da perseguição, o anarquismo ampliava sua presença nos sindicatos operários e no debate político e intelectual, denunciando, através de uma imprensa bastante vigorosa, as condições de vida impostas aos trabalhadores. Em 1903, no Rio de Janeiro, e em 1907, em São Paulo, duas greves mobilizaram trabalhadores de vários setores, cujas principais reivindicações eram "os três oitos" – jornada de oito horas de trabalho, propiciando oito horas de repouso e oito horas livres. Ao fim das greves, algumas categorias profissionais com maior poder de barganha conseguiram a redução da jornada, se não para oito, ao menos para nove horas.

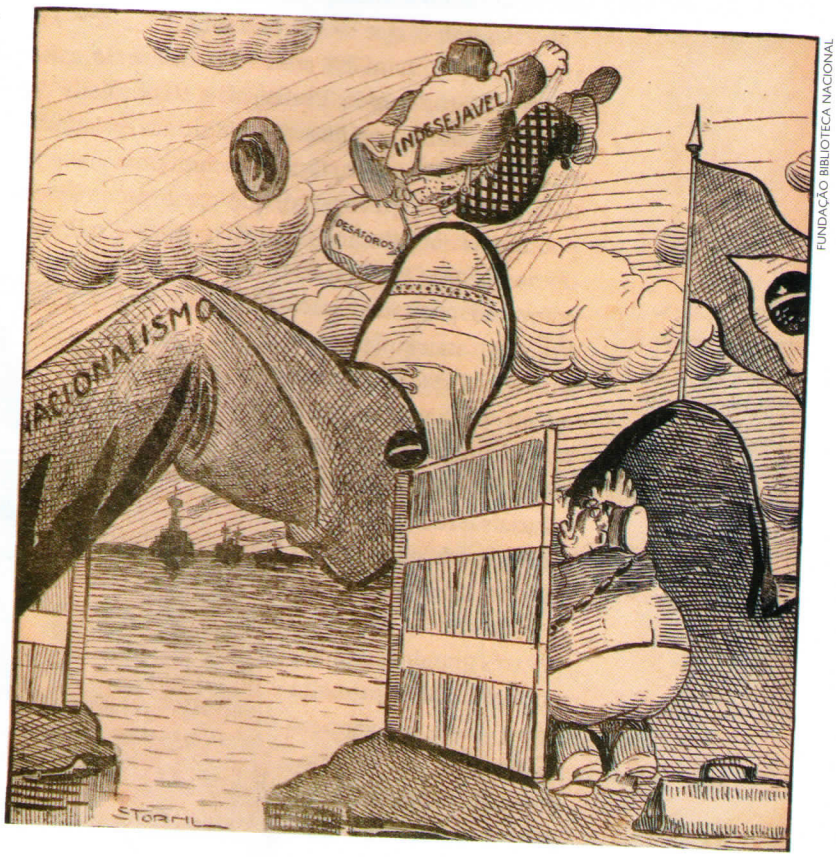
Em abril de 1906, foi realizado no Rio de Janeiro o Primeiro Congresso Operário Brasileiro, com clara influência anarquista. Uma de suas resoluções, efetivada em 1908, era a criação da Confederação Operária Brasileira (COB) que, por sua vez, lançou o jornal *A Voz do Trabalhador*, um dos mais importantes periódicos da imprensa operária na Primeira República, ao lado de *A Plebe*, *Guerra Social*, *A Terra Livre*, *Na Barricada*, *Spartacus*, *A Voz do Povo* e *A Lanterna* – este último ainda enfatizava o caráter anticlerical do anarquismo.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial levou o movimento anarquista a reafirmar seu caráter internacionalista, pacifista e antimilitarista. Em São Paulo, o movimento pôs em circulação cartões-postais com a expressão "Papai, não vás à guerra", ecoando o lema "Não mandes teus filhos à guerra", que anarquistas divulgavam na Europa. Intelectuais libertários, como o paulista Edgard Leuenroth (1881-1968) e o baiano Fábio Luz (1864-1938), escrevem e publicam artigos e manifestos propondo transformar a guerra imperialista em guerra revolucionária. O jornal libertário paulistano *La Propaganda* conclama os pacifistas a "declarar guerra à guerra". Em outubro de 1915, a COB organiza no Rio de Janeiro o Congresso Internacional da Paz, do qual participam delegados de sindicatos e federações operárias do Brasil, da Argentina, de Portugal e da Espanha. Dias depois, militantes promovem na sede do COB o Congresso Anarquista Sul-Americano, com a presença de delegados da Argentina e do Uruguai.

Os efeitos da guerra mundial sobre a economia brasileira são terríveis: redução do comércio externo, retração da atividade fabril, desemprego.

A origem europeia do ideal anarquista gerou a imagem da "planta exótica": uma ideologia estrangeira que não encontraria terreno fértil no Brasil

carências generalizadas. Mas uma notícia vinda do Oriente anima trabalhadores e militantes anarquistas, socialistas e comunistas: em 1917, pela primeira vez uma revolução que se diz socialista, feita em nome dos operários e dos camponeses russos, chega ao poder. Cria um clima de euforia revolucionária e alimenta expectativas de que o capitalismo estaria agonizante. Durante os anos seguintes, os anarquistas ainda acreditam numa suposta dimensão libertária da Revolução Russa que, por meio da "revolução social", completaria o processo iniciado com a Revolução Francesa



Caricatura de 1917. Começando pela Lei Gordo (1904) e as providências legislativas da década de 1920, o processo de expulsão de militantes, muitos deles anarquistas, atingiu centenas de estrangeiros.

ACERVO ICONOGRAPHIA

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Edgard Leuenroth (1881-1968), Brasil

ACERVO ICONOGRAPHIA

Tipógrafo e jornalista paulista, Leuenroth aproximou-se do pensamento anarquista aos 20 anos. Esteve presente na fundação de inúmeras publicações periódicas, com as quais colaborou durante sua vida. Seu enorme arquivo, mantido ao longo de sua existência de militante e jornalista, doado à Universidade de Campinas, representa uma importante fonte de documentação sobre a memória operária no Brasil da Primeira República.

(1789), a "revolução política". Os massacres dos marinheiros de Kronstadt e dos camponeses ucranianos liderados pelo anarquista Nestor Makhno, ambos em 1921, enterram essas ilusões.

Em 1917, grandes greves envolveram dezenas de milhares de trabalhadores em São Paulo e no Rio de Janeiro. Na capital paulista, onde militantes anarquistas vinham há anos desenvolvendo atividades de propaganda libertária, o assassinato do jovem sapateiro espanhol José Martinez pela polícia, num conflito de rua, transformou uma greve já bem ampla em greve geral, que paralisou a cidade por alguns dias. Durante a greve formou-se o Comitê de Defesa Proletária, composto por cinco militantes anarquistas e um socialista, para negociar um acordo com os patrões. Algumas demandas, como reajustes salariais e redução de jornada de trabalho, foram parcialmente atendidas e o acordo foi ratificado por três grandes comícios públicos. Foi a primeira greve geral parcialmente vitoriosa na história brasileira, contribuindo para a autoestima da classe operária. No entanto, muitos patrões não cumpriram o acordo e as autoridades públicas não honraram sua palavra: vários líderes foram perseguidos e presos, e alguns estrangeiros deportados.

O assassinato do jovem sapateiro espanhol José Martinez pela polícia transformou uma greve já bem ampla em greve geral, que paralisou São Paulo por alguns dias

O estereótipo do anarquista estrangeiro, fomentador de atentados, presente na caricatura de J. Carlos, publicada na revista *Careta* (1910) com o título "A civilização europeia na selvagem América do Sul".

No ano seguinte, outras duas greves tiveram grande efeito simbólico. Em agosto, pararam os trabalhadores da Companhia Cantareira e Viação Fluminense, que operava as barcas entre Rio de Janeiro e Niterói e os bondes desta última. O movimento se radicalizou. Num conflito entre operários e policiais na rua da Conceição, em Niterói, alguns soldados do Exército tomaram partido dos grevistas. Um cabo e um soldado morreram no confronto, e ganharam homenagens de delegações operárias. O episódio foi associado à experiência russa de confraternização entre conselhos de operários (*soviets*) e soldados, estimulando a imaginação dos libertários brasileiros: sonhavam com a formação do "Soviet do Rio". Em novembro, a greve de dezenas de milhares de tecelões, metalúrgicos e operários da construção civil, no Rio, articula-se com uma tentativa de insurreição planejada por militantes anarquistas – rapidamente delatada e reprimida. Seus principais líderes, José Oiticica, Astrojildo Pereira e Agripino Nazaré, são presos. Oiticica é "deportado" para Alagoas e Agripino para a Bahia. A greve operária, pacífica e até certo ponto independente da atividade dos anarquistas, também foi duramente reprimida pela polícia. Respaldados pelo governo, os patrões endureceram sua posição: não mais reconheceriam a União dos Operários em Fábricas de Tecidos (Uoft), uma das organizadoras do movimento, como entidade representativa dos têxteis, por estar "dominada por elementos anarquistas estranhos à classe".

Mesmo derrotadas em sua maioria, essas greves colocaram a causa operária, pela primeira vez, em destaque na grande imprensa. Não seria mais possível continuar com o discurso de que não havia razão para greves no Brasil. Contudo, reconhecer a legitimidade de reivindicações operárias não significa aceitar o anarquismo. Em 19 de novembro de 1918, o jornal *A Razão*, que se

ACERVO ICONOGRAPHIA

Saiba Mais

RAGO, Margareth. *Entre a História e a Liberdade. Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

REIS, Daniel Aarão & DEMICINIS, Rafael (orgs.). *História do Anarquismo no Brasil Vol. 1*. Rio de Janeiro: Mauad X / Eduff, 2006.

Imagem da apreensão do jornal anarquista carioca *Spartacus*, em setembro de 1919. Muitos eram os periódicos de inspiração libertária no âmbito da imprensa operária da Primeira República.

dizia um órgão defensor da "causa das classes que trabalham", publica o artigo "O joio e o trigo". O "trigo" seriam os trabalhadores brasileiros, honrados, dóceis, laboriosos. E o "joio", os anarquistas estrangeiros, "apátridas, homens sem Deus, sem honra, sem família, ingratos com a terra que os acolheu, mazorqueiros (*desordeiros*), arruaceiros que vivem a pregar a subversão social e política, a revolução que lhes entregue o poder". Uma das poucas vozes a sair em defesa do anarquismo é a do escritor Lima Barreto, em especial nas crônicas "Da minha cela" e "Sobre o Maximalismo".

No início da década de 1920, as divergências entre anarquistas e comunistas se aprofundam. Astrojildo Pereira, ex-anarquista, adere ao bolchevismo e participa da fundação do Partido Comunista do Brasil (1922). Torna-se um dos mais ácidos críticos do anarquismo, segundo ele, uma proposta "utópica", sem condições políticas para elaborar um projeto consistente de revolução socialista. A verdade viria unicamente de Moscou. Essa visão comunista sobre o anarquismo iria se consolidar nas décadas seguintes. José Oiticica e Fábio Luz, entre outros anarquistas, contestam duramente Astrojildo. Para eles, qualquer ditadura, mesmo aquelas que se dizem "de esquerda" ou "do proletariado", deve ser combatida e ter suas arbitrariedades denunciadas. "Como anarquistas revolucionários (...) não podemos concordar que à ditadura do capitalismo, origem de toda a tirania, se oponha a ditadura de outra classe, embora essa classe seja o proletariado", afirma o jornal *A Plebe* em 1922.

O estado de sítio promulgado em 1922 para auxiliar o governo no combate aos primeiros levantes militares que marcarão toda a década incide fortemente sobre o movimento operário: sindicatos são fechados, lideranças presas e deportadas, jornais empastelados. Além de uma repressão mais dura, o governo republicano começa a cooptar ou assimilar setores da classe trabalhadora através da elaboração de leis, como a das férias, um código para o trabalho infantil e um projeto de aposentadoria e pensões. É um período de transição entre o liberalismo ortodoxo vigente nas primeiras décadas do século e a construção, ao longo das décadas de 1930 e 1940, do Estado autoritário e centralista, do qual o sindicalismo corporativista será peça estratégica. Fechavam-se os espaços ao anarquismo na vida operária do Brasil. **H**

CARLOS AUGUSTO ADDOR É PROFESSOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE E AUTOR DE *UM HOMEM VALE UM HOMEM: MEMÓRIA, HISTÓRIA E ANARQUISMO NA OBRA DE EDGAR RODRIGUES* (ACHIAMÉ, 2012).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

MARIA LUIZA TUCCI CARNEIRO

Inesquecíveis, graças a Zélia

Perseguidos, presos, combatidos, anarquistas de São Paulo ganham rosto e emoções no livro de memórias de Zélia Gattai

São Paulo da garoa. São Paulo das serenatas. Dos corsos carnavalescos na Avenida Paulista. Dos bailes de salão animados com o vibrante ritmo do *charleston*. Das compras na Loja do Ceylão e dos passeios na Rua Direita. Da moda aristocrática: gravata preta "à la Vallière", chapéu de aba muito larga, luvas, polainas amarelas, monóculo e bengala. Tempos inesquecíveis para quem – além de tocar discos no gramofone – testemunhou a chegada do rádio, do cinema falado, e assistiu às competições automobilísticas e aos vibrantes encontros políticos no salão do Café Guarani ou na sede das Classes Laboriosas.

DIVULGAÇÃO / COMPANHIA DAS LETRAS

Foi nesse fascinante ambiente dos anos 1920 e 1930 que cresceu Zélia Gattai (1916-2008), em meio à classe proletária e aos movimentos anarquistas, antifascistas e anticlericais, perseguidos pelo governo de Getúlio Vargas, que os considerava perigosos para a ordem pública e a segurança nacional. No livro *Anarquistas, Graças a Deus*, publicado em 1979, a escritora conduz o leitor ao sabor de suas lembranças de infância e juventude.

A autora recria os tempos libertários vivenciados pela família Gattai, rebelde por tradição. Espalhado pelos bairros do Brás, Mooca e Bexiga, o proletariado paulista ganha rosto e movimento, delineado por emoções que expressam seus ideais de luta, encantos e desencantos. É neste contexto – de confronto entre as elites conservadoras, o empresariado paulista e a massa operária – que as mulheres emergem como agentes sociais. A própria Zélia desponta como uma menina atrevida, que cumpre seu papel de pequena ativista. Vendendo jornais e números de tômbola (espécie de bingo italiano), ajudava a conseguir fundos para o movimento anarquista e amparava as famílias dos presos políticos que lotavam as prisões do Departamento de Ordem Política Social (Dops), com sede no Rio de Janeiro.

A história de vida de Zélia ultrapassa o universo de menina rebelde, filha de imigrantes italianos e que, anos depois, se casaria com o escritor Jorge Amado. Suas lembranças sugerem caminhos para a pesquisa histórica, somando informações aos documentos produzidos pelos grupos anarquista,

O proibido e o escondido eram parte do cotidiano dos rebeldes. Livro proibido tinha "cor especial" e esconderijo

comunista e policial. Segundo as memórias da autora, as ideias anarquistas chegaram ao Brasil na bagagem dos 150 pioneiros que desembarcaram no porto de Santos, em 1890, com um sonho: o de fundarem a primeira "Colônia Socialista Experimental" na América Latina, empreitada conhecida como Colônia Cecília [Ver artigo da página 22.]. Entre eles estavam Francisco Arnaldo Gattai e sua

O pai de Zélia entre dois amigos em 1910. Filho de um membro da Colônia Cecília, Ernesto partilhava dos ideais libertários da família, cultivando a paixão por carros e motores.

ACERVO ZÉLIA GATTAI / FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO

esposa, Argia Fagnoni Gattai, avós paternos de Zélia, acompanhados de seus cinco filhos.

Na década de 1920, o Brasil já não era mais visto pelos imigrantes italianos como a terra prometida. A Colônia Cecília era coisa do passado, experiência frustrada, mas não abandonada pelos anarquistas que se reorganizaram pelos bairros operários de São Paulo. A ordem da Polícia Política era para dispersar qualquer tipo de ajuntamento (greve, comício, reuniões partidárias, palestras, bailes) e punir os "desordeiros" com prisões, degredos e deportações. Enquanto isso, no ambiente familiar de *Anarquistas, Graças a Deus*, um mundo proibido de objetos, livros e pensamentos se abre diante de nós. Zélia Gattai recorda-se de um velho armário onde sua mãe Angelina costumava guardar, entre bibelôs de *biscuit* e um vidro do fortificante Ferro-Quina Bisléri, um conjunto de livros anarquistas e a *Divina Comédia* de Dante Alighieri. O proibido e o escondido eram parte do cotidiano dos rebeldes. Livro proibido tinha "cor especial" e esconderijo para ser guardado. Valia a inventividade de cada um: embaixo do colchão, na fronha do travesseiro, no forro de uma almofada ou dentro de um armário velho misturado com roupas, vidros de remédios e perfumes. Cabia às autoridades policiais alcançarem esses tesouros proibidos, sacrilégios da ordem estabelecida, modelos de desordem e anarquia.

O proibido é sempre uma tentação. Daí a pequena Zélia lembrar-se – como se fosse um ritual – do hábito que ela e seus irmãos tinham de "olhar" alguns livros, principalmente os ilustrados. Assustados com as ilustrações de Gustave Doré, davam asas à imaginação: passavam pelo Inferno, subiam ao Purgatório e, finalmente, chegavam ao Paraíso. Após a leitura da *Divina Comédia*, uma "pesada bíblia", os jovens rebeldes encaminhavam-se para o manuseio das bíblias políticas. Às escondidas, familiarizavam-se com os títulos e os autores anarquistas, como Pietro Gori, cujos dramas faziam parte das leituras de D. Angelina, além das obras de Zola, Bakunin, de Kropotkin. O livro *Acuso!*, de Émile Zola, não interessava diretamente às crianças por não ser ilustrado, ainda que o título e o autor lhes fossem familiares. Zélia e seus irmãos lembravam-se de Zola enquanto ídolo dos italianos anarquistas, cuja obra era citada nas reuniões proletárias como referência para entender o caso Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti, dois anarquistas italianos injustamente acusados de assassinato e executados na década de 1920 nos EUA. Daí a razão de citarem o livro *Acuso!*, que trata do *Caso Dreyfus*, processo que envolveu um jovem oficial do Exército francês, judeu, acusado falsamente de espionagem a favor dos alemães. Este processo, que ganhou projeção internacional em 1894-1895, é considerado um dos mais importantes casos do antissemitismo do século XIX.

Anos mais tarde, em 1937, Zélia testemunhou a apreensão deste farto material sedicioso como prova da acusação de que seu pai, Ernesto Gattai, era "um convicto comunista perigoso", duplamente perigoso, por ser estrangeiro e ex-anarquista. As culpas do passado somadas às acusações do presente renderam-lhe quatro meses e 13 dias de prisão (de uma condenação de sete meses e 15 dias), além de um inquérito de expulsão do território nacional, não consumada.

Saiba Mais

LUIZETTO, Flávio. *Utopias Anarquistas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARRAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PARRA, Lúcia Silva. *Combates pela Liberdade: O movimento anarquista sob vigilância do Deops*. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial, 2003 [Série Inventário Deops].

Na imagem do início do século XX, vista geral do Brás, um dos bairros de prevalente imigração italiana que ganham vida e movimento nas páginas do livro.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

No postal, o porto de Santos com vapores atracando nas docas: porta de entrada de sonhos de imigrados e ideais libertários, como os de *Anarquistas, graças a Deus*.

A vida dos Gattai havia mudado de rumo. A polícia de São Paulo afirmou ter encontrado na residência de Ernesto "papéis comunistas". Zélia lembrou-se deste incidente, que culminou com o confisco de alguns títulos da pequena biblioteca familiar. Comprometidos pela cor vermelha da encadernação, foram levados os clássicos *Os Trabalhadores do Mar*, *Os Miseráveis* e *Notre-Dame de Paris*, de Victor Hugo, *Acuso!*, de Émile Zola, e *Dramas Anarquistas*, de Pietro Gori, entre outros.

Maior número de documentos "comprometedores" foi encontrado na oficina de Ernesto: 108 exemplares do jornal *A Plebe*, 85 exemplares do jornal *A Lanterna*, dois do jornal *Spaghetto*, dois do jornal *La Difesa*, além do periódico *L´Adunata dei refrattari* e de *Alba rossa*, *Il risveglio anarchico*, e do livro *Evolução, revolução e ideal anarquista*.

A maioria dos personagens que transitaram pelo cotidiano da família Gattai acabou fichada no Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (Deops/SP) como "estrangeiros indesejáveis". O mundo reconstituído em *Anarquistas, Graças a Deus* exala conspiração, contestação e revolução de todas as páginas. Ao descrever o clima das palestras no Salão das Classes Laboriosas – no 1º andar de um sobrado na rua do Carmo – a autora ilumina um dos espaços sediciosos de São Paulo. Mas era nos cafés que rolavam as propostas de revolução, pontos de encontro de jornalistas, estudantes, comerciantes e operários. No Café Guarani – localizado na rua Quinze, próximo ao largo Antonio Prado – os líderes anarquistas e socialistas se encontravam para discutir os mais recentes "tratados políticos". Muitas vezes, o local transformava-se num verdadeiro campo de batalha, dividido por valores absolutos. Em torno das tradicionais mesinhas de mármore costumavam sentar-se Antonio Piccarolo, Paolo Mazzoldi, diretor do semanário *Don Chisciotte*, Oreste Ristori, diretor de *L´Alba rossa*, Alessandro Cerchiai e Gino Damiani, diretores de *La battaglia*.

Lembranças de Zélia Gattai sugerem caminhos para a pesquisa histórica, somando informações aos documentos produzidos pelos grupos anarquista, comunista e policial

No seu livro, Zélia também concentra seu olhar nas mulheres, que rompiam com os padrões ideais de "esposa-mãe, dona do lar". A emancipação da mulher, a luta contra a desigualdade social, o anticlericalismo e o direito ao voto eram alguns dos temas defendidos pelas libertárias. Sua mãe Angelina é descrita como "sonhadora, sensível, nascida para tarefas intelectuais". Esse grupo de mulheres, homens e jovens, imigrantes e filhos de imigrantes italianos, foram rotulados de "indesejáveis" e, como tais, banidos da sociedade. As lembranças de Zélia têm o poder de retirá-los do anonimato e dar forma a seus ressentimentos, medos e frustrações. Eram movidos por suas utopias. E, com seus sonhos, ajudaram a fazer história. H

MARIA LUIZA TUCCI CARNEIRO É PROFESSORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E AUTORA DE *LIVROS PROIBIDOS, IDEIAS MALDITAS* (ATELIÊ EDITORIAL, 2002).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

CLEBER RUDY

Ocupar com k

Os **squatters** *invadem espaços abandonados para contestar o capitalismo e a cultura de massa*

O TERMO "GENTRIFICAÇÃO" é usado para explicar um importante mecanismo de manutenção de espaços ociosos, sobretudo nas regiões centrais das grandes cidades. São transformações que têm como fim recuperar o valor de áreas específicas, almejando enobrecê-las. Em resposta a esse jogo de interesses, o movimento *squatter* desafia as políticas excludentes ligadas à especulação imobiliária. Seu método são as ocupações.

A prática não é recente. O movimento nasceu na Europa dos anos 1960, propondo, como alternativa à falta de moradia, a ocupação de casas, apartamentos e prédios desocupados ou abandonados em

ROBERTO ESPOSTI / ALAMY / GLOW IMAGES

O *squat* ou *okupa* visa revitalizar o espaço por meio do comprometimento coletivo. Acima, foto de casa *okupada* em Barcelona, Espanha. Na página anterior, símbolo do movimento.

razão da especulação. A partir da década de 1980, essa modalidade de luta urbana estreitou vínculos com a cultura punk e o anarquismo. Essa aliança político-cultural fez germinar diversos centros de atividades sociais.

Tipicamente urbanos, os *squatters* ou *okupas* (como são chamados na Espanha e na América Latina) atraem uma diversidade de adeptos: desempregados, estudantes, punks, anarquistas, ecologistas, feministas, artistas... Ao grafar okupação com a letra k, o objetivo é diferenciar-se de outras categorias de ocupações urbanas, focadas unicamente no direito à moradia, a exemplo no Brasil de coletivos que reivindicam reformas urbanas, como a União dos Movimentos de Moradia, o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto e a Frente de Luta pela Moradia. No caso das okupações, a questão do direito à moradia também está em voga, mas acompanhada de motivações políticas que almejam a criação de espaços culturais, como ateneus libertários, bibliotecas e oficinas.

Em 1987, a banda punk paulista Cólera, em turnê pela Europa, conheceu de perto a atmosfera *squatter* ao realizar a maioria dos shows em *squats*. O encarte de seu LP *European Tour`87* trouxe relatos de cada show: "o local era uma faculdade abandonada, um enorme edifício ocupado pelos punks alemães". Isto possibilitou, no mínimo, um exercício de reflexão de alguns punks brasileiros sobre a existência de tal prática urbana e seus possíveis vínculos com a cultura punk.

O *squat* ou *okupa*, propriedade ocupada ilegalmente, visa revitalizar o espaço por meio do comprometimento coletivo: providenciar água, luz (por vezes de forma clandestina), limpeza e reforma em regime de mutirão. A administração do lugar se dá através do compartilhamento de responsabilidades. Também há solidariedade entre as okupações existentes no Brasil e uma rede de intercâmbio internacional.

O movimento squatter propõe a ocupação de casas, apartamentos e prédios desocupados ou abandonados em razão da especulação imobiliária

No Brasil, a prática deu seus primeiros passos no final da década de 1980, mas a primeira experiência a ganhar destaque na mídia ocorreu em julho de 1993: em Florianópolis, um prédio de 15 cômodos da prefeitura foi ocupado por cerca de dez anarco-punks. "Anarco-punks invadem prédio buscando um espaço alternativo", estampou em manchete o jornal local *O Estado*, que assim descreveu o grupo: "Eles são anarquistas, mas frisam que não são desordeiros. Prova disso é a tentativa de recuperar o local abandonado desde o incêndio que aconteceu no ano passado. Sonham com um mundo onde não existam governantes, apenas respeito entre as pessoas".

O movimento anarco-punk originou-se das clivagens do punk, surgido nos anos 1970 nos subúrbios tanto dos Estados Unidos como da Inglaterra, em grupos de jovens que tinham suas perspectivas de vida frustradas diante de um cenário de crise econômica refletida em crescente desemprego. Com atitudes provocadoras e desordeiras, os punks revelaram ao mundo uma nova expressão estética e comportamental. Ainda no final da década, o movimento ecoava no Brasil por meio da imprensa e da venda de discos importados.

Nos anos 1980, com a abertura política, alguns punks travaram contato com militantes anarquistas e passaram a participar de discussões promovidas por coletivos libertários de São Paulo. Assumiam uma identidade de luta comprometida com as questões sociais e marcada por reflexões oriundas do anarquismo. Na década de 1990, o Movimento Anarco-Punk (MAP) já agregava uma rede de núcleos em diversas cidades do Brasil.

Numa época de descaracterização do ideal anarquista, comumente tachado como desordem pelos meios de comunicação, os anarco-punks faziam questão de afirmar a força e a criatividade do pensamento libertário como intervenção política. Para o grupo que ocupou o prédio público de Florianópolis, a criação de um espaço alternativo era vista como um exercício de autogestão, apoio mútuo e afronta aos valores do mundo capitalista – entre os quais a propriedade privada e a massificação cultural. Aquele *squat* destinava-se a eventos e trabalhos que se colocavam na contramão do sistema social excludente.

Em julho de 1995, outra okupação levada a cabo por anarco-punks ganhou alento na periferia de Curitiba. Conhecida como *Squat* Kaäza, durou mais de uma década graças a atividades de rua, como a venda de fanzines (jornais artesanais) e adesivos (feitos em serigrafia própria) para gerar renda. No fanzine *Inf. Punk*, os membros da Kaäza informavam: "decidimos trocar os vidros das janelas, (...) começamos a vender o fanzine 'Sentidos do Ser' nº 5 que teve sua renda convertida aos novos vidros. Todo o lado exterior da casa estava exposto a toda movimentação que acontecia na quadra por estar totalmente desprotegido, porque o muro que existia estava todo destruído. Organizamos então um pedágio em prol da construção do muro".

O desperdício da sociedade de consumo é uma fonte de suprimentos. Garimpam-se materiais que serão usados na restauração de construções ou como mobiliário

ACERVO DO AUTOR

A foto abaixo mostra a pintura na fachada de uma casa *okupada* em Curitiba, que durou mais de uma década graças às atividades de rua.

Além dessas atividades que lhes permitiam viver à margem do trabalho formal, os *squatters* também encontraram no desperdício da sociedade de consumo uma rica fonte de suprimentos. Do excedente tornado lixo e abandonado pelas calçadas garimpam-se materiais que serão usados na restauração de construções degradadas ou como mobiliário nos espaços ocupados, onde a criatividade torna-se o diferencial nessa arte de reciclar.

Ainda em Curitiba, alguns punks anarquistas – que haviam passado pela experiência da Kaäza – ocuparam, em

ALINE SALGADO

Utopia de máscara nova

No vazio de uma agenda social silenciada, movimento formado por juventude insatisfeita pede a reforma da velha democracia liberal

Saiba Mais

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *Memórias estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

NOBRE, Marcos. *Choque de democracia. Razões da revolta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Internet

Instituto de Teoria e História Anarquista http://ithanarquista.wordpress.com/

"Diálogo apartidário", Marcello Scarrone: www.rhbn.com.br/c/6056

"Breve história da baderna", Rodrigo Elias: www.rhbn.com.br/6045

Um misterioso sorriso por trás de um bigode irônico e o desejo de fazer uma nova política, descolada dos partidos, movimentos sociais e representantes atuais. Foi assim, vestindo uma antiga, porém ainda contemporânea utopia, que milhares de jovens saíram às ruas para uma nova jornada em junho. No rosto da juventude, a figura idealizada de Guy Fawkes, um inglês do século XVII que tenta incendiar o parlamento e assassinar o rei como método de transformação da sociedade.

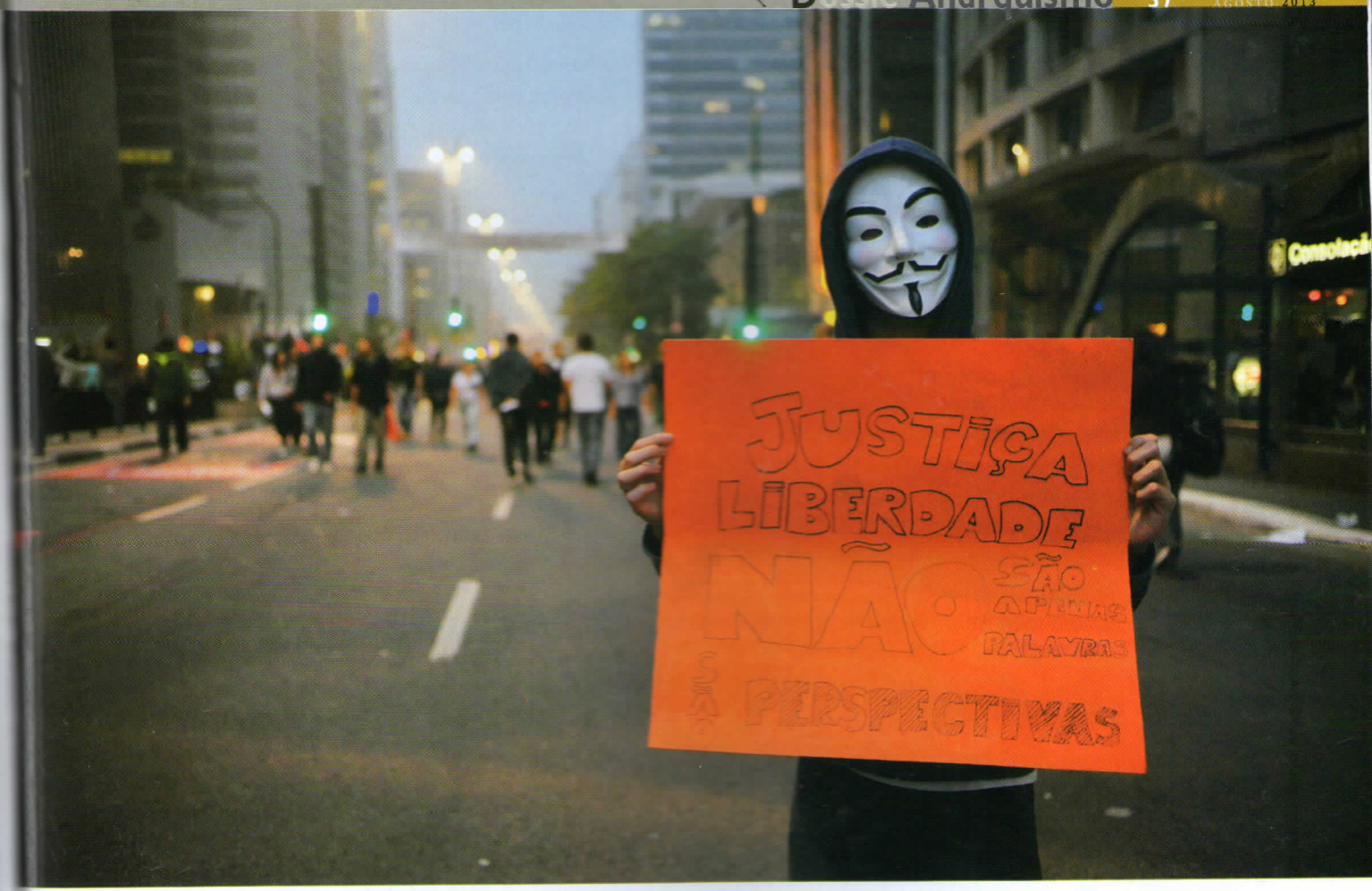
Assim como o caricato mascarado, a utopia por trás do inglês ganhou força e sentido para as vozes nas ruas das cidades brasileiras nos últimos meses. Elas bradaram contra os partidos políticos, seus representantes e os movimentos sociais institucionalizados – como UNE, MST, CUT – além das próprias instituições capitalistas. Nos cartazes, o grito grafado: "Vocês não nos representam". Seria a velha utopia anarquista ganhando ares modernos com mobilizações estruturadas agora em redes sociais e digitais? Ou apenas uma crise de representatividade política do sistema atual?

Imerso há 23 anos no movimento anarquista, o professor de Ciência Política na Universidade Federal da Paraíba e integrante do Centro de Cultura Social de São Paulo – organização anarquista – Nildo Avelino acredita que as manifestações no Brasil retomaram um sentido político há muito tempo banido do cenário brasileiro.

"É preciso ser tolo ou mal intencionado para não admitir que o *modus operandi* acionado nas manifestações tem forte analogia com aquele utilizado historicamente pelos movimentos anarquistas", opina o professor. "O próprio Movimento pelo Passe Livre (MPL), grupo responsável pela convocação das manifestações, é uma organização horizontal e apartidária; adota o princípio da rotatividade para evitar a cristalização de estruturas de poder, e pratica a autogestão de seus trabalhos internos. Além disso, o que é mais importante, não possui chefe, nem porta-vozes".

Ao recusar o princípio de representação política, Avelino aponta que a multidão, que foi com o MPL para as ruas, rechaça o que ele chama de "jogo da democracia liberal". "Ao contrário do que se pensa, esta não foi, nem é, a única modalidade de democracia possível na história", complementa o especialista, que vê no movimento de junho de 2013 similaridades com as "jornadas de julho" de 1917, quando uma greve geral de base anarquista mobilizou 100 mil na capital paulista contra o custo de vida.

O que era para ser um movimento por melhores condições de trabalho e vida se agravou, no entanto, devido à violência policial e à



ABR / FOTO MARCELO CAMARGO

A figura do inglês do século XVII, Guy Fawkes, transformou-se no símbolo das manifestações no Brasil.

intransigência do governo em 1917. "Estava claro que a revolta da multidão não era impulsionada por nenhuma grande utopia, mas pelo sentimento do intolerável que resultava da miséria econômica combinada com o autoritarismo governamental", diz o professor.

Militante anarquista, professor de História e membro da organização anarquista Terra e Liberdade – movimento social que busca ser combativo, independente e autônomo – Filipe Proença também vê paralelos entre a indignação da massa que tomou as ruas de norte a sul do país e aquela que parou o centro industrial do Brasil no início do século XX: "Essas mobilizações vêm em um momento de crise social: aumento do custo de vida, especulação imobiliária expulsando os pobres dos centros urbanos".

"A diferença hoje é que o reformismo e a crença nesse Estado enfraqueceram muito os movimentos populares, estudantis e sindicais, que ficaram atrelados ao Estado. Basta lembrarmos que diversas entidades estudantis e sindicais são praticamente braços do governo. Já no início do século, os movimentos sindicais tinham uma estrutura vigorosa e independente, que conseguiu impulsionar diversas vitórias dos trabalhadores, como na Greve de 1917", avalia Proença.

O movimento do tempo presente, segundo ele, escancara também uma crise de representatividade política, marcada pela descrença nos partidos e nas instituições do Estado e, em consequência, a ênfase em outros meios de se fazer política, que vêm das ruas. "Não é por acaso que o alvo de muitos protestos tenham sido os centros de poder (Assembleia Legislativa do Rio, Palácio do Planalto, Palácio Bandeirantes, em São Paulo). Do ponto de vista das causas dessa crise estão o projeto político do PT, que mostra seus limites; o aumento do poder de consumo de uma parcela dos trabalhadores, não se refletindo em conquistas sociais concretas; e a tentativa do Estado de cooptar os movimentos sociais para um projeto político governista e reformista, que mostra suas contradições", critica.

É na ascensão de uma nova classe média, que não quer mais apenas compras a crédito e almeja educação, saúde, governança participativa e melhor gestão do dinheiro público, que o economista e professor do Ibmec-RJ Alexandre Espírito

Militantes anarquistas se uniram a grupos libertários e a vozes autônomas em manifestações no Rio e em Porto Alegre por melhorias sociais.

Santo vê uma das principais características do movimento brasileiro. "Nos últimos 15 anos o país assistiu a uma melhora substancial da economia, com uma moeda forte e o controle da inflação, que trouxe benefícios, incluindo avanços sociais. Quando se tem mais educação, passa-se a ter mais consciência e a se exigirem melhores serviços", observa o professor.

Para o economista, no entanto, as insatisfações refletem também a piora da situação macroeconômica do país, que vem amargando uma taxa de crescimento industrial reduzida e uma inflação crescente: "Quando se vai ao mercado e se percebe que compramos menos do que antes, o inconformismo bate no bolso do cidadão e reverbera nas ruas".

Embora ajudem a explicar, em parte, as causas da indignação coletiva, os números não conseguem descortinar o cenário político. Do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp/Uerj), o pesquisador Fabiano Santos aponta as alianças que o PT fez com setores conservadores como o cerne das insatisfações nas ruas. Em debate realizado no Iesp, no calor das manifestações, o professor de Ciência Política avaliou que tais articulações acabaram barrando uma agenda de inclusão social que vinha sendo feita por Lula através das conferências nacionais de políticas públicas: "Isso dava um caráter vertical ao funcionamento horizontal da dinâmica institucional. Quando se barra essa política, afastam-se os movimentos sociais, que não veem mais suas demandas representadas pelo Estado e vão às ruas".

GENTILMENTE CEDIDO POR WWW.FARJ.ORG

GENTILMENTE CEDIDO POR WWW.FARJ.ORG

Doutor em Sociologia pela Universidade de Londres, José Maurício Domingues partilha do mesmo olhar do colega. Para ele, "as políticas sociais foram deixadas de lado por anos e, em algum momento da história, seriam cobradas". "A mobilização nas ruas pode voltar a explodir se o sistema político se fechar novamente para as demandas da população e o governo colocar panos quentes até as eleições", teme o professor.

Para quem esteve no protagonismo da mobilização, a indignação das massas teve como alvo o governo e os movimentos sociais organizados – com destaque para CUT, MST, UNE e o próprio PT. É preciso repensar as ações para que se consiga ganhar, novamente, a adesão popular. "Os partidos e as organizações mais tradicionais precisam se reinventar. Os protestos mostraram o que há alguns anos a nova esquerda já vinha fazendo: a revisão de paradigmas da esquerda organizada. Mas o povo tem que ter paciência no decorrer desse processo, pois tudo isso será construído coletivamente e não individualmente", defende Afonso Fernandes, membro do Centro Acadêmico Manuel Maurício, IFCS/UFRJ, e aluno do curso de História.

Um processo lento, pautado em reformas políticas e institucionais, mas tendo a urgência e o calor das ruas como catalisador. É assim que também pensa Raphael Godoi, estudante ainda do ensino médio e integrante do Fórum de Lutas contra o Aumento da Passagem: "Conseguimos reunir 3 mil pessoas em uma plenária e agora vemos as pessoas discutindo política e vendo o valor de seus votos. Já os políticos parecem mais cautelosos diante da vigilância e da pressão da sociedade. Eles sabem que a qualquer momento poderemos voltar a tomar as ruas". É melhor, então, nem guardar a máscara de Guy Fawkes. H